

FILOSOFIA E TEATRO: Interações para sala de aula**PHILOSOPHY AND THEATER:** Interactions for classroom

João Victor Almeida de Moraes
vitor1172@live.com
Universidade Federal do Amapá

Resumo:

Apresenta-se como uma pesquisa que tem como tema central o teatro como instrumento de ensino e há um vasto referencial teórico sobre os métodos de ensino de filosofia para os adolescentes e crianças, seja na área pedagógica e filosófica, além de um vasto material histórico sobre o uso dele para demonstrar as relações humanas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois faremos a leitura dos teóricos relevantes para o tema e também uma reflexão sobre a educação e o elemento chave apresentado ao decorrer do texto para reflexão. Ao cabo, indicamos ainda o método dedutivo e a pesquisa qualitativa enquanto matriz metodológica do presente estudo.

Palavras-chave: Encenar, Escola, Filosofia, Lecionar, Teatro.

Abstract:

Presents itself as a research which has as its central theme the theatre as a teaching instrument. There's a vast theoretical referential about the methods of teaching philosophy to children and teenagers, at pedagogy and philosophy areas, in addition to a huge historical material about its use to demonstrate the human relationships. This is a bibliographic research, therefore we'll be doing a lecture of the relevant theorists relating to the theme and also a reflection about education and the key element conferred through the text for reflection. Furthermore, it's able to allude still, the deductive reasoning and the qualitative research as methodological matrix of the current inquiry.

Key words: to stage, school; philosophy; to teach; theatre.

INTRODUÇÃO

O termo teatro deriva do grego *theatron*, que significa “lugar para contemplar”. O teatro é um dos ramos da arte cênica (ou performativa), relacionado com a atuação/interpretação, através do qual são representadas histórias na presença de um público (a platéia). Esta arte combina discurso; sons; gestos; músicas e cenografias e foi assim que algumas tradições e histórias foram passadas de geração em geração, contando os feitos dos heróis e a vitória dos deuses sobre o mal e também sobre a eloquência da natureza humana. Além das utilizações para encenar os rituais místicos, houve uma semelhança no teatro grego com atual por ambos serem uma forma de entretenimento, utilizando-se dos diversos recursos para conduzir mensagens aos espectadores.

O Uso das encenações em sala de aula é de grande contribuição para o desenvolvimento dos sentidos pelos alunos do ensino fundamental e uma experiência divertida, já que pode ser feito dentro de um grupo desenvolvendo, fortificando a amizade dos alunos e contribuindo para uma melhor convivência dentro de sala de aula, além da socialização com pessoas e particularmente sendo um canal para o conhecimento próprio que lembra uma frase muito conhecida pela humanidade: “Conhece-te a ti mesmo”.

Um método de grande reforço para os alunos que participam da produção do roteiro até a execução das cenas, para apresentação de uma encenação é preciso saber a história; gravar falas e ensaiar os movimentos e dentro da educação isso é importante para que o aluno conheça de forma mais sólida aquilo que ele pretende apresentar e aprender. Tudo baseado nos parâmetros nacionais curriculares (PCN’S) para a filosofia que são: ler textos filosóficos; ler textos não filosóficos de forma filosófica; escrever de forma reflexiva.

Os alunos desde muito cedo são estimulados com o ensino visual e auditivo para o ensino e através disso eles têm um desempenho maior do que apenas com a retórica ou oratória puramente dita, já que esta consiste em apenas falar e ouvir. Os filósofos gregos usavam da imaginação, através da exemplificação de cenas do cotidiano eles explicavam teorias sobre o movimento (A Tartaruga e Aquiles) na teoria de Zenão; A alegoria da caverna de Platão pra demonstrar sobre a liberdade do conhecimento entre outros.

CONTEXTUALIZANDO A FILOSOFIA E TEATRO

A filosofia grega desde o seu início foi importante para o ser humano, por preocupar-se com os conceitos e origem dos fenômenos naturais, também pelos fenômenos humanos e conceitos como: Justiça; igualdade; felicidade. O amor ao saber é o que move o pensamento reflexivo sobre os atos e acontecimentos do cotidiano e a educação tem como papel ativo de libertar o Ser, sua emancipação, e é essa a proposta do ensino de filosofia: a emancipação do humano ao conhecer.

A intuição da oferta do ensino de filosofia e artes é anteceder e trabalhar esse processo de reflexão que todo humano tem naturalmente. Dúvidas diárias que são geradas todos os dias através da prática das outras matérias ensinadas dentro da escola; um aluno reflexivo é mais

preparado para atuar na pesquisa e tomar decisões com probabilidade de erros menores dentro dos variados ambientes. A função desta matéria é o desenvolvimento crítico do discente para romper com o consumo automático do saber.

O uso das atuações nas aulas aumenta a capacidade do aluno de observação e memorização de acontecimentos que ocorrem no cotidiano e incentiva a reflexão que a filosofia tanto almeja, o uso das técnicas teatrais concilia comunicação; senso racional e sensibilidade, de forma menos exata e mais diversificada. Ao descobrir conceitos e raciocinar sobre eles ela, a menina e menino também desenvolvem suas inteligências múltiplas por saber interpretar e refletir. Maria Dora Neves em seu livro intitulado “O Teatro e o Ensino” escreve:

(...), a pratica das técnicas dramáticas desenvolve no aluno a capacidade de compreensão, não apenas intelectual, mas total, visto que o aluno utiliza, para essa compreensão, além da inteligência, a sua sensibilidade. Promove também hábitos de reflexão e observação subjetiva e objetiva que o levarão a reproduzir a realidade ambiente, com uma coerência e uma verossimilhança de que não seria capaz, anteriormente. (Neves, Maria Dora; 1989, p.48).

O pensar é um feito que existe desde que o homem passou a se questionar sobre os acontecimentos ao seu redor, fazendo com que os homens tentassem explicar os acontecimentos de formas variadas, coerente e lógicas (na visão de quem explica) ou, o questionamento dos acontecimentos. Isso ocorria mesmo antes da nomenclatura “filosofia”. Na Grécia Antiga ela era praticada e ensinada conforme a corrente filosófica seguida pela academia. Define-se mais na busca do saber do que a posse do saber, não sendo algo pronto ela remete um pensamento diversificado. Pode-se verificar que ao longo do tempo este fenômeno tem vários pensadores que expõem suas idéias de formas variadas sobre determinados assuntos. Como exemplo: a criação do mundo, a desigualdade social e a variação do tempo.

No tocante ao ensino, as duas matérias são de importância vital para que o discente possa desenvolver o senso crítico e sensível estudando as teorias dos pensadores antigos e contemporâneos e os métodos usados, assim, poderá perceber o que acontece na sociedade em que vive, levantando dúvidas e argumentos sobre a sua comunidade. A Filosofia é de fundamental importância, pois evita a mecanização do indivíduo quando usada para a livre expressão e questionamento e o Teatro é importante para o desenvolvimento dos sentidos mais humanos que deixamos às vezes de lado ao nos interessarmos pela razão. a união de ambos os conhecimentos

nos proporciona uma visão holística acerca do caso concreto, levando em consideração o contexto fático baseado nos princípios.

TEATRO NO BRASIL E A CATEQUIZAÇÃO

No século XVI, surge no Brasil às primeiras expressões públicas do teatro, como ferramenta de catequização. Esse novo modelo, desenvolvido pelos jesuítas, servia para instruir religiosamente os índios e colonos. O pioneiro e um dos responsáveis pela disseminação dessa concepção era o Padre José de Anchieta, jesuíta, que num primeiro momento utilizava as representações, denominando de teatro de catequese. Essas peças teatrais eram realizadas nas ruas, praças, colégios, entre outros locais e tinham uma finalidade muito mais artística do que religiosa. As pessoas que faziam parte das encenações eram todas amadoras. Todos os teatros tinham como “atores” os indígenas. Segundo Costa (2010, p. 68), “a arte cênica era atrativa aos índios, pois eram eles mesmos que as encenavam e possuíam uma estrutura atrativa, embora os autos não fossem apenas para os indígenas, mas para os colonos em geral, apresentados preferencialmente em ocasiões festivas”.

O teatro idealizado pelos jesuítas, tendo José de Anchieta como ícone deste movimento, alcança cada vez mais os objetivos de catequização, melhora a forma de comunicação e os resultados almejados são positivos, pois, a dedicação era imprescindível.

José de Anchieta, o jovem com 21 anos que chegou a Salvador da Bahia em 1553, como irmão da Companhia de Jesus, viveu e conviveu com os povos do Brasil, fossem eles índios inimigos dos jesuítas e portugueses [...] fossem amigos, [...] ou escravos [...]. Vindo para ensinar, catequizar, teve que aprender, ouvir – sê tudo a todos – aprender a língua do país para se comunicar e compreender as coisas do lugar. Manejando a língua nativa, entrava-se mais facilmente no que poderíamos chamar de ideologia de quem a usava no cotidiano: seus mitos, religião, sua organização social. Somente então se poderia ensinar os bons modos e criticar os maus costumes – segundo evidentemente uma visão cristã – valendo-se de festas religiosas e encenações teatrais. O padre e dramaturgo Anchieta criou diálogos teatrais com personagens da vida social indígena para falar ao seu espectador, na língua deles, sobre “a maneira boa de viver”, [...] e sobre o que seria o mau, como os rituais e costumes indígenas: criou um teatro evidentemente pedagógico, no sentido, porém, em que também eram pedagógicos os autos religiosos e as moralidades medievais (HERNANDES, 2008, p. 23).

Através do teatro, se idealizou de forma cada vez mais intensa, um processo pedagógico, que se consolidara com a efetiva catequização dos índios. Como afirma Costa (2010, p. 67), a

catequização era tida como um processo realmente educativo, que influenciava consideravelmente, na modificação da realidade dos indígenas:

A catequização indígena realizada pelos jesuítas era, também, uma atuação educativa, na medida em que formar o cristão era forjar uma parte importante e essencial da cultura ocidental, bem como o homem que dela era expressão. Compreendendo como se deu o processo inicial de colonização, podem-se compreender as raízes tanto da educação quanto da cultura brasileira. (COSTA,2010,p.67)

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO NO PROCESSO DE CATEQUIZAÇÃO, NUM OLHAR FILOSÓFICO

Sob o olhar filosófico e histórico o teatro para o processo de catequização teve, na perspectiva filosófica, influência no processo de educação; leitura e interpretação de texto para o nativo brasileiro. Ao iniciar o trabalho de catequização em terras brasileiras, os jesuítas chegaram à conclusão que os nativos, necessitavam ser moldados conforme a cultura européia. Para que esse processo de transformação ocorresse, era necessário envolvê-los num trabalho de aprendizagem e desenvolvimento de novos hábitos. Começa-se a determinação da filosofia patrística para a evangelização do indígena e ainda para que o comando das terras tornarem-se menos árduo, pelo fato da Coroa manifestar interesse pelas riquezas encontradas e o predomínio sobre o índio era muito árdua, já que este era muito selvagem e levava vantagem sobre os colonizadores por conhecerem as terras, os índios capturados eram-lhes ensinados normas de comportamento e como fazer as coisas necessárias para servir os colonos.

O Padre José de Anchieta destacou-se pela dedicação em aprender a língua Tupi, para se comunicar de forma mais objetiva possível, principalmente com os indígenas. Além de implantar o teatro, produziu obras literárias, relevantes para formação cultural e religiosa.

Anchieta entrou em contato com a cultura indígena, seus costumes, usos, idiomas e chegou a escrever uma gramática de Tupi, na qual nesta língua que ele escreveu o *Diálogo da Fé ou Doutrina Cristã*, que era considerado uma espécie de livro de instruções para preparar os índios ao batismo e a uma vida em obediência moral. Ou seja, falar com o índio em sua própria língua tornou-se tão fundamental, que estabeleceu a comunicação entre os jesuítas, que poderiam introduzir seu universo, e os índios, receptores dos novos conhecimentos portugueses. (BARROS, 2012, p.124).

Nas peças teatrais que escrevia, o Padre José de Anchieta percebia que os indígenas, tinham as suas crenças. Assim sendo, procurava produzir um contexto em que essas crenças que se traduzia em medos e receios, fossem favoráveis ao ideal missionário que pretendia disseminar. Utilizava essas características para descrever nas peças teatrais, posicionamentos críticos sobre as ações ritualísticas dos indígenas e ao mesmo tempo mostrava o ensinamento da doutrina cristã como o caminho mais viável a ser seguido para a salvação.

O TEATRO NO ENSINO DE FILOSOFIA

As idéias propostas através do teatro demonstram uma visão da existência um tanto eficaz. No fundo, o teatro e a filosofia visam criar nas pessoas uma nova convicção. Existe uma espécie de querela inevitável no que diz respeito aos meios mais apropriados para obter esse efeito. Entretanto, creio que é preciso ir na direção de uma aliança, antes que na de um conflito, porque os ataques especulativos contra o teatro reforçam o teatro. O teatro é a maior máquina que já foi inventada para absorver as contradições: nenhuma contradição levada ao teatro o amedronta. Todas, pelo contrário, constituem para ele um novo alimento, como mostra o fato de se interpretar Platão no palco. Eu dou aos filósofos o seguinte conselho: nunca ataquem o teatro. Façam como Sartre, como eu e também como Rousseau e Platão, apesar das aparências: é melhor escrever seu próprio teatro do que denunciar o dos outros (BADIOU; TRUONG, 2015, p. 35).

As peças teatrais que foram escritas por José de Anchieta tinham estruturas semelhantes, porquanto os temas abordados tinham como objetivo, atender ao projeto missionário colonizador de catequizar e educar os indígenas, da manutenção da fé e da instrução dos colonos. A manutenção da estrutura das peças era uma característica da literatura medieval, pois o fato das peças teatrais serem semelhantes à obra mantinha seu valor e, o que mais importava, era que o objetivo proposto fosse atingido.

CONCLUSÃO

Durante este trabalho percebe-se que há uma interação dos seres humanos com a modalidade teatro desde os primórdios dos tempos para expressar as mais diferentes formas de

manifestações culturais; religiosas e educadoras, de forma que há uma íntima ligação desta metodologia para a transmissão de valores e culturais das variadas regiões do mundo. No Brasil ele teve forte contribuição para a transmissão da ética e cultura europeu-portuguesa no período colonial com o José de Anchieta, sendo também objeto de resistência e aparição contra os ideais de governantes que não representavam o povo em seus atos deliberativos. Como nos anos da ditadura militar em que filosofia e teatro foram usados como porta-voz do povo mesmo diante da censura imposta, além dos dias atuais.

Conclui-se que diante dos mais variados temas filosóficos a serem abordados dentro de sala de aula como: ética; metafísica; história antiga; lógica; fenomenologia; filosofia da educação; filosofia na América latina e etc. o teatro como instrumento e o estudo que ela nos proporciona com o envolvimento do espaço em que vivemos; a leitura e a interpretação de texto; formar um aluno político e reflexivo de modo que ele perceba os eventos atuais e mostre a capacidade de resolver as situações propostas, que nela também são importantíssimas, junto a outras matérias têm como objetivo inovar e diversificar avaliações e transmitir conteúdos nas aulas nas e através disso o aluno pode ter um desempenho maior do que apenas com a oratória do professor, já que esta consiste em apenas falar e ouvir, além de possibilitar a interação com alunos das do ensino especial e tentar incluí-lo no espaço.

Referências

BADIOU, Alain. TRUONG, Nicolas. **Elogio ao teatro**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BARROS. Kauiza Araújo de. **Teatro jesuítico**. Um instrumento da pedagogia jesuítica. In Cressoni. Fábio Eduardo (org.) Educação, sociedade e cultura na América portuguesa. Estudos sobre a presença jesuítica. Curitiba. Editora CRV. 2012.

COSTA, Mariza Domingos da. **Evangelização e Educação dos Índios no Brasil Colonial**: as concepções de Manoel da Nóbrega e José de Anchieta. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2010_mariza.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2011.

HERNANDES, P. R. **O teatro de José de Anchieta**: arte e pedagogia no Brasil colônia. Campinas: Alínea, 2008.

Revista Conceito. Disponível em: <<https://conceito.de/teatro>> . Acessado em 04/02/2018.

NEVES, Maria Dora. **O teatro e o ensino**. Coimbra: Minerva, 1989.

PLATÃO. **A República**. Editora Martin Claret 2007; pg. 304-305.

NETTO, Joaquim (org.). **Artes: Ensino e aprendizagem**. Macapá: Editora UNIFAP, 2017.

Artigo submetido em 21/12/2018, e aceito em 10/02/2019.